

Milton Hatoum

Como você pensa a relação entre o tempo literário e o tempo histórico?

Jorge Luis Borges dizia que a literatura existe no tempo. No século XIX predominava o tempo cronológico, embora nem sempre linear. O modernismo trouxe à narrativa o tempo subjetivo, psicológico, mais próximo do movimento da memória e do inconsciente. Mas o tempo literário não exclui a História, que às vezes aparece de um modo sutil, não ostensivo. Um belo exemplo de interseção do tempo subjetivo com o histórico é *Mrs. Dalloway*: um único dia da vida de um grupo de personagens em Londres. O fluxo de consciência – que explora o pensamento e a subjetividade dos personagens – é trabalhado em sintonia com o avanço lento de cada hora, que culmina na grande festa na casa dos Dalloway. Mas a loucura, o tédio, o ciúme, o mundo burguês e o aristocrata, as relações sociais, a relação do império britânico com a Índia e outras colônias, tudo isso está lá. E o que une tudo isso é a relação amorosa, frustrada de Peter Walsh e Clarisse Dalloway. Os grandes autores modernos exploraram essa relação histórico-temporal.

Quais procedimentos sua obra adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização da arte?

Procuro não pensar no mercado, que cresceu exponencialmente nos últimos vinte anos. A lógica do mercado não é a da literatura. Transformar tudo em espetáculo é um dos fetiches pós-modernos, talvez o mais poderoso. Tento escrever sobre conflitos e temas que fazem parte da minha vida, das minhas observações e leituras, da percepção crítica do tempo em que vivo.

Qual reflexão sua obra produz sobre a tradição literária brasileira?

Machado de Assis e Guimarães Rosa, dois dos nossos grandes escritores, assimilaram o que havia de melhor na literatura brasileira e estrangeira. Penso em Machado de Assis dialogando com uma vasta tradição europeia e, ao mesmo tempo, com uma literatura nacional ainda frágil, em formação. A antropofagia de Oswald de Andrade é uma reflexão inovadora e fundamental sobre esse tema: assimilar seletivamente as obras estrangeiras, e recriar uma obra a partir de questões locais. Penso que devo alguma coisa a esses escritores. A principal fonte literária de *Dois irmãos* foi *Esau e Jacó*, de Machado. Neste romance, Machado faz uma reflexão crítica sobre a ambição política de cada irmão. Um é monarquista, o outro é republicano, mas os ideais políticos de ambos são fúteis e inconsequentes. A disputa pela moça (Flora) acaba sendo um arroubo da juventude, e o que prevalece é a ambição pelo poder, que o narrador de Machado trata com ironia. Tentei refletir sobre isso num outro momento político, com ênfase no drama familiar e nas relações entre o norte e o sudeste do Brasil. Uma frase do *Grande sertão: veredas* serviu de epígrafe e de inspiração para *Cinzas do norte*. Penso também que devo alguma coisa à obra de Graciliano Ramos. Li *Infância* na minha juventude e nunca mais deixei de reler esse livro. São autores que todo jovem escritor deveria ler. Mas as influências vêm de toda parte. Quando você escreve, você se inscreve numa dupla tradição: a do Brasil e a do além-mar. Nossa literatura, assim como algumas frutas, é híbrida. Foi transplantada da Europa e se aclimatou por aqui. Mas o sabor e a forma da fruta são outros.

Como você pensa a forma literária?

Cada texto ficcional pede uma organização interna, um tom e um modo de narrar específicos. O sentido, inclusive histórico, se revela na forma, na linguagem. Quando você erra a mão do narrador, ou seja, do ângulo da narração e do tom, o romance soa falso e desanda. É como se você interpretasse uma canção ou uma sonata fora do tom, ou no tempo errado. Nos quatro romances que escrevi, grande parte do esforço se concentrou na construção do narrador. Quando você acerta o tom, descobre o livro que está escrevendo.

Milton Hatoum (1952) estreou em 1989 com o romance *Relato de um certo oriente*, seguido de *Dois irmãos* (2000), *Cinzas do norte* (2005), *Órfãos do eldorado* (2008) e o livro de contos *A cidade ilhada* (2009), publicados pela Companhia das Letras.